

ANÁLISE DE MERCADO
ESPECIAL **PERSPECTIVAS** 2017

 Medicina Diagnóstica





A medicina diagnóstica é um conglomerado de especialidades direcionadas à realização de exames complementares no auxílio ao diagnóstico, com impacto nos diferentes estágios da cadeia de saúde: prevenção, diagnóstico, prognóstico e acompanhamento terapêutico. Fazem parte deste mercado os laboratórios de patologia clínica e medicina laboratorial, de anatomia patológica, as clínicas de radiologia e imagem e de outras especialidades. Conjuntamente, são denominados de centro diagnósticos.

A principal tendência desse mercado que devemos ver em 2017 é a integração de todos esses serviços específicos. Tal integração traz benefícios para os diferentes agentes do mercado, como (i) pacientes que passarão a contar com centros de alta resolubilidade; (ii) comunidade médica que conseguirá oferecer laudos e suporte por meio de diagnósticos integrados; e (iii) o próprio mercado que se torna mais competitivo e com empresas cada vez mais verticalizadas e com alto poder de investimento, favorecendo o crescimento e a profissionalização dos negócios que ainda possuem estruturas bastantes regionalizadas e de administração familiar.

Operar com custos reduzidos é fundamental. A queda da remuneração por exames é uma realidade observada nos últimos anos e os laboratórios cada vez mais se adaptam a este novo cenário por meio de mudanças de modelos de negócio, automação, corte de custos de pessoal, otimização de ativos e processos. O acompanhamento dos custos de produção além de análises sistemáticas de demanda e mix de exames oferecidos são essenciais para os resultados financeiros e as companhias que integram esse setor têm demonstrado rigor nesse aspecto, o que se manterá no próximo ano também.

O mercado de análises clínicas e de diagnósticos por imagem apresenta intensa concorrência, tanto em termos de preço como em termos de serviço. A

esmagadora maioria dos clientes desse mercado possui cobertura de planos privados de saúde e escolhem livremente qualquer empresa com a qual o seu plano tenha contrato para a realização de exames. Portanto, a mobilidade de clientes é bastante alta e a estratégia de fidelização das companhias é direcionada para a qualificação dos serviços, a expansão dos postos de atendimentos e a ampliação da oferta de exames. Conforme a competição aumenta via “guerra de preços”, as empresas procuram expandir seus negócios por meio de aquisições de mercado, principalmente, de prestadores de serviços de medicina diagnóstica e hospitais com capacidade para prestar serviços de medicina diagnóstica e de análises clínicas.

Outro ponto que merece ser salientado se refere aos contratos celebrados pelos centros diagnósticos com operadoras de planos de saúde, hospitais e governo. O setor privado de saúde adota amplamente contratos com prazo indeterminado de duração, que, por definição, são passíveis de serem encerrados a qualquer momento após o encaminhamento de uma simples notificação prévia sem imposição de penalidade a nenhuma das partes. Esse modelo de negócio confere considerável poder de negociação às operadoras de planos de saúde, hospitais e governos, especialmente em relação aos preços dos serviços prestados pelas empresas de medicina diagnóstica quando das renegociações destes contratos, que ocorrem normalmente todo ano. Dessa forma, há pressão para não reajustar ou, até mesmo, para reduzir os preços por elas praticados. Adicionalmente, a ANS tem o poder de limitar o percentual máximo de reajuste dos seguros ou planos de saúde, o que impõem ainda mais pressão no momento da negociação dos contratos.

O setor de medicina diagnóstica cresceu significativamente na última década, sobretudo em decorrência do maior acesso da população aos planos de saúde, que se tornaram mais abrangentes e passaram a atender mais camadas da



sociedade. Podemos dizer que tal crescimento ocorreu, em grande parte, pela contribuição da geração de empregos formais ao longo desses anos. No entanto, o cenário mudou. A crise econômica que o Brasil atravessa é, sem dúvidas, o maior desafio para o segmento de medicina diagnóstica. Com a alta do desemprego, muitos brasileiros deixaram de ter planos privados de saúde (ver trabalho setorial de Planos de Saúde), fato que atingiu diretamente o mercado de diagnóstico como um todo que passou por momentos difíceis e deverá enfrentá-los novamente em 2017, só que em menor intensidade.

O mercado de saúde suplementar no Brasil movimentou aproximadamente R\$ 142,5 bilhões no ano passado. No período compreendido entre 2001 e 2015 o setor apresentou crescimento elevado, com a taxa média acima dos 14% ao ano, de acordo com dados da ANS. Somente o mercado de medicina diagnóstica fatura por ano cerca de R\$ 25,2 bilhões e o número de aparelhos de ressonância magnética vem registrando uma taxa de crescimento anual de cerca de 15% desde 2009, também conforme os dados publicados pela agência. Tal expansão ainda tende a se manter no longo prazo, considerando que há verificada fila de espera para agendamento de exames de ressonância magnética em muitas das cidades pelo país. Por outro lado, o número de beneficiários de planos de saúde cresceu, em média, 4% ao ano no período de 2004 a 2015, sendo que o segmento de planos corporativos aumentou a uma taxa média de 6% ao ano no mesmo período, segundo a ANS. A conjugação destes dois fatores, aliados aos vetores de ampliação do mercado decorrentes da mudança do perfil demográfico da população brasileira e dos cuidados com a saúde, contribuem para o desenvolvimento do mercado de saúde, inclusive pelo acesso das camadas emergentes da população brasileira aos serviços de saúde. Dessa forma, 2017 tende a ser mais um ano de crescimento do setor, ainda que comedido em parte pelo cenário macroeconômico desfavorável.

Atualmente, cerca de 57% dos aparelhos de ressonância magnética no Brasil estão localizados nas 58 cidades brasileiras que possuem mais de 400 mil habitantes, que correspondem a 33,7% da população brasileira, de acordo com dados do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Enquanto que nas cidades com população entre 200 mil e 400 mil habitantes, que em conjunto correspondem a 12% da população brasileira, existem apenas 17,6% dos aparelhos de ressonância magnética, sendo que aproximadamente 8% das cidades nesta faixa populacional não possui nenhum aparelho. Entre as cidades com população abaixo de 200 mil habitantes, 95% não possui nenhum equipamento de ressonância magnética.

De acordo com o levantamento da ANS e com os dados divulgados pelas companhias listadas que atuam no setor de medicina diagnóstica (Alliar, DASA e Grupo Fleury), em 2015, havia cerca de 18,5 mil clínicas privadas no Brasil atuantes nesse segmento, faturando em torno de R\$ 25,2 bilhões, sendo que as quatro principais prestadoras de serviço de medicina diagnóstica responderam por apenas cerca de 21% deste faturamento. Desta maneira, acredita-se que a consolidação neste mercado prosseguirá nos próximos anos, o que poderá proporcionar oportunidades de crescimento via aquisições às empresas.

Vislumbramos a continuidade do ambiente macroeconômico desfavorecendo as operações das companhias, sobretudo, o efeito do desemprego sobre o número de beneficiários de planos de saúde. Em contraponto, aspectos microeconômicos devem ser preponderantes para as empresas que integram esse setor, tais como reestruturação e expansão das operações, assim como a realização de aquisições de mercado. Para investidores que almejam retorno no médio/longo prazo, o setor se mostra oportuno diante do atual patamar de precificação dos ativos em bolsa.